

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Sem jeitinho

Financistas que conhecem o mercado de crédito dos bancos de desenvolvimento asseguram que a ideia de alguns integrantes do governo Lula de ajudar a financiar a Argentina e países em dificuldades, via banco dos Brics, tem tudo para naufragar. É que qualquer ajuda a nações que não integram o grupo tem que ter outro país como fiador. E não há espaço para o Brasil ocupar esse papel.

Veja bem

O Tesouro Nacional é que teria que fazer o papel de garantidor de um empréstimo dos Brics. E isso tiraria espaço para que possa ser o fiador de estados e municípios brasileiros.

No passado deu errado

Entre os técnicos, há quem lembre dos empréstimos que o governo brasileiro fez no passado, para Cuba e Venezuela, via BNDES — todos motivos de críticas por parte da oposição. Não dá para repetir esse erro agora.

Um café e R\$ 20 bilhões

Governadores se reuniram em Nova York com o empresário Jackson Wijaya, fundador da Paper Excellence, e o ex-governador de São Paulo João Dória. Saíram de lá com a notícia de que o CEO da Paper planeja um investimento de US\$ 4 bilhões num novo projeto para 2,5 milhões de toneladas de celulose no Brasil. O investimento irá além do projeto da Eldorado Celulose, no Mato Grosso do Sul.

A aposta dos conservadores

Acostumado a enxergar longe os movimentos da política, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), já faz suas apostas para 2026. “A avaliação da inelegibilidade do presidente Jair Bolsonaro é uma decisão arriscada. Estamos a três anos e nove meses de uma eleição. Dá tempo de Cláudio Castro ficar forte, do governador (Romeu) Zema ficar forte, do governador Tarcísio (de Freitas) ficar mais forte”, diz, referindo-se, respectivamente, aos governadores de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Os três são apostas para 2026.

Lira ainda vai mais longe. “Todos têm menos chances de cometer erros do que o presidente Bolsonaro cometeu durante sua campanha. Então, um candidato de direita, errando menos, com o fortalecimento de uma base que existe no Brasil, e o presidente Bolsonaro como eleitor, acho que o quadro fica bastante desanimador para quem quiser disputar uma eleição (contra a direita) em 2026”, previu. Para bom entendedor, está claro que Lira não apoiará um candidato da esquerda no futuro. Portanto, a relação dele e de Lula será harmônica, mas sem irmandade.

Em tempo: Lira citou os nomes com Castro encabeçando a lista porque o governador do Rio de Janeiro estava sentado bem na frente dele, durante evento do *Financial Times*, em Nova York. Porém, a aposta mais forte do mercado hoje é Tarcísio, coincidentemente o mesmo nome apontado pela pesquisa Quaest com financistas e economistas.



CURTIDAS

Muita calma nessa hora/ Com a prisão de aliados de Bolsonaro há alguns dias, o Congresso passou a empurrar com a barriga a CPI do 8 de janeiro. A ideia é acalmar os ânimos nessa seara para ver se melhora o clima para as pautas mais urgentes, como o arcabouço fiscal.

Tudo calmo/ A segurança do grupo Dória não teve muito trabalho no Lide Brazil Investments Forum. Em novembro do ano passado, a turma aliada de Bolsonaro fez plantão na porta do hotel e do Harvard Club para xingamentos numa sensação térmica de dois graus. Agora, diante de um clima ameno de primavera, não compareceu. Sinal de que o bolsonarismo perdeu o ímpeto ou recursos para financiar esses atos.

Reprodução/STF



Sem “manés”/ Vale lembrar que, naquela época, o clima estava tão tenso, e os manifestantes tão raivosos com o resultado da eleição, que xingaram o ministro do Supremo Tribunal Federal Luis Roberto Barroso (foto). A resposta do magistrado — “Perdeu, mané” — viralizou.

Aplausos para Lira/ A fala de Lira no Lide Brazil Investments Forum, em Nova York, foi bem recebida por empresários, como o ex-governador Paulo Octávio, chairman do Lide no Distrito Federal. “Lira foi muito feliz ao defender o que já foi feito. O país não tem que ficar revisando o que foi feito, e sim seguir em frente”, disse Paulo Octávio.

GOVERNO

Planalto está livre das grades

Retirada dos aparelhos, instalados em 2013, foi comemorada por Lula: “Estamos ou não vivendo em um regime democrático?”

» INGRID SOARES

As grades metálicas que ficavam na frente do Palácio do Planalto, e impediam que o público se aproximasse, foram removidas ontem. Instaladas em 2013 por ocasião dos protestos contra a ex-presidente Dilma Rousseff, foram mantidas nas gestões de Michel Temer e Jair Bolsonaro, mas não resistiram à invasão dos bolsonaristas à sede do governo federal, em 8 de janeiro, na tentativa de golpe de Estado.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva quis verificar pessoalmente a remoção das grades. Para ele, o equipamento não condiz com o regime democrático, nem com um país onde vigora o Estado de Direito.

“Essa grade foi tirada para simbolizar o seguinte: a democracia voltou neste país. O Palácio não precisa estar cercado de grades. Não é que estou inseguro, é que eu tenho certeza absoluta de que a democracia não suporta grades. Eu era contra o Muro de Berlim,

sou contra o muro entre Israel e Palestina, sou contra o muro que o (Donald) Trump tentava construir (na fronteira com o México). E sou contra o muro aqui na frente do Palácio”, afirmou.

Lula ainda mandou um recado para que radicais que são contrários ao governo se aproveitem da ausência de grades para tentar algo contra o Palácio do Planalto. “Se os irresponsáveis que tentaram dar o golpe quiserem fazer barulho, vão ser tratados de acordo com o comportamento deles. Agente não precisa estar cercado porque temos segurança. Só não pode negligenciar, como da outra vez”, criticou.

O presidente disse, ainda, que conversará com os presidentes do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e do Supremo Tribunal Federal (STF), ministra Rosa Weber, para sugerir que as grades sejam removidas. “Vou conversar para ver a possibilidade de tirar dos Três Poderes, mas a Suprema Corte e o Congresso são quem decidem. É que acho que é um exemplo para o Brasil. Não ficou mais bonito

o Planalto sem aquela mureta de grades? Vai ficar mais bonito, vai poder tirar fotografia”, explicou.

Segundo Lula, até mesmo o muro na frente do Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente da República, será removido. “Vou tirar aquela muralha porque depois a segurança vê como ela cuida para evitar qualquer problema que nunca teve. Fui presidente oito anos e nunca teve (problema). As pessoas iam na porta do Alvorada protestar domingo com corneta, nunca me incomodaram. Se eu quisesse cercar o povo e não permitir que faça protesto, não faz sentido a democracia”, afirmou.

Ao **Correio**, o Gabinete de Segurança Institucional deu a entender que a retirada das grades em frente ao Planalto não é definitiva. De acordo com GSI, os equipamentos foram retirados “para manutenção” e poderão ser utilizados “para complementar e reforçar as medidas de segurança quando a situação recomendar ou para organização de eventos”.

José Cruz/Agência Brasil



Equipe de conservação retira as grades. Para Lula, não faz sentido proibir a população de chegar perto do Palácio

Nilson Bastan/Agência Câmara



Silveira tem um histórico de descumprimento de decisões judiciais

BOLSONARISMO

Por 8 x 2, Supremo derruba perdão para Silveira

» RENATO SOUZA

O Supremo Tribunal Federal (STF) tornou nulo, ontem, o perdão de pena concedido por Jair Bolsonaro ao ex-deputado Daniel Silveira. Por 8 votos a 2, a Corte entendeu que o indulto assinado pelo ex-presidente desviou da finalidade e, por isso, ocorreu de maneira inconstitucional. Com a decisão, o ex-congressista terá de cumprir pena de nove anos e seis meses de prisão.

A condenação foi aplicada pelo ministro Alexandre de Moraes,

em abril de 2022. No dia seguinte, Bolsonaro anunciou o indulto em uma transmissão realizada pelas redes sociais. Partidos políticos foram ao Supremo alegando que o ato não reunia as regras previstas na Constituição.

A relatoria da ação que contestou a legalidade do decreto ficou com a ministra Rosa Weber — que entendeu que o indulto foi ilegal. O voto da magistrada foi seguido pelos ministros Gilmar Mendes, Roberto Barroso, Cármen Lúcia, Dias Toffoli, Edson Fachin e Luiz Fux. Os ministros Nunes Marques

e André Mendonça foram contra e votaram para manter o decreto presidencial.

Silveira foi condenado por tentar impedir o funcionamento das instituições democráticas e coação no curso do processo. Em um vídeo nas redes sociais, ele ameaçou ministros do Supremo e incitou os bolsonaristas a agredirem os magistrados.

“Admitir como lícito que decisões dessa Corte possam ser desfeitas ou descumpridas por mero capricho pessoal ou para o atendimento de interesses particulares

de membros dos demais Poderes da República, fragiliza a força normativa da Constituição, transgride sua autoridade suprema e a transforma em mero documento político destituído de normatividade. E, portanto, sem qualquer força coercitiva”, afirmou Rosa, ao votar.

Silveira está preso na penitenciária de Bangu 8, no Rio de Janeiro, por descumprimento de medidas cautelares, como uso de tornozeleira eletrônica. Na prática, ele vai continuar preso, mas, agora, sem possibilidade de reduzir o tempo de cárcere aplicado pelo STF.